

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Márcia Regina Büll

ARTISTAS PRIMITIVOS, INGÊNUOS (*NAÏFS*), POPULARES,  
CONTEMPORÂNEOS, AFRO - BRASILEIROS.

**FAMÍLIA SILVA:** UM ESTUDO SOBRE RESISTÊNCIA CULTURAL

São Paulo  
2007

Márcia Regina Büll

ARTISTAS PRIMITIVOS, INGÊNUOS (*NAÏFS*), POPULARES,  
CONTEMPORÂNEOS, AFRO - BRASILEIROS.

**FAMÍLIA SILVA:** UM ESTUDO SOBRE RESISTÊNCIA CULTURAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pos Graduação em Educação Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie ,como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação ,Arte e História da Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Rizolli

São Paulo  
2007

B935f Büll, Márcia Regina

Artistas Primitivos, Ingênuos, (naïfs), populares, contemporâneos afro-brasileiros. Família Silva: um estudo de resistência cultural / Márcia Regina Bull. - São Paulo, 2007.

451 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura.) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

Bibliografia: p.: 384 - 404

Orientação: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Marcos Rizolli

1. Arte naïf. 2. Cultura afro-brasileira. 3. Políticas públicas culturais. I. Título.

CDD: 301

Márcia Regina Büll

ARTISTAS PRIMITIVOS, INGÊNUOS (*NAÏFS*), POPULARES,  
CONTEMPORÂNEOS, AFRO - BRASILEIROS.

**FAMÍLIA SILVA: UM ESTUDO SOBRE RESISTÊNCIA CULTURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcos Rizolli – Orientador  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Marcos Tarcisio Mazetto  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Jorge Anthonio e Silva  
UNISO - Universidade de Sorocaba

Aos *naifs* do mundo inteiro

## Agradecimentos

Aos “Silva” que nos propiciaram grande aprendizado.

Ao Professor Doutor Marcos Mazetto pela oportunidade de freqüentar o Curso de Educação Arte e História da Cultura onde se ampliaram meus horizontes.

Ao Professor Doutor Marcos Rizolli pela paciente e motivadora orientação.

Ao Professor Doutor Jorge Anthonio e Silva pela profunda visão estética.

Ao Professor Rodrigo Augusto Prando pelos livros e incentivo.

À Dra. Denise Cássia Garcia pelas informações de Campo Belo e calorosa recepção.

À Dra. Antonia Cezerillo Quintão pelo incondicional apoio e amizade nas horas mais complicadas.

Ao Jacques Ardies pela confiança e generosidade ao emprestar sua biblioteca *naïf*.

Ao amigo e colega José Maria Valente pelo ânimo e alegria.

À Vilma Haidar Eid pela conversa e pelas imagens de Auxiliadora.

Ao Emanuel Araújo pela disponibilização de tempo para atender a esta pesquisa.

A Werner Arnhold, pela disponibilização de arquivos privados.

Ao Dr. Walter Rocha, Secretário de Turismo de Embu das Artes

Aos artistas Enrique Aravena, Ivonaldo Veloso de Melo, Joel Câmara, Raquel Trindade “a Kambinda”, Tânia Felix e Waldomiro de Deus, pelos longos e alegres diálogos.

Ao André Pedro José Soejtoery-Kiss, pelas longas madrugadas de trabalho com imagens

À Mariana Rodrigues, Eleonora Vachi, Cinthia, Rubia e Lucia Cristina, pelo apoio.

Aos funcionários da Biblioteca da Câmara Municipal de São Paulo e da Biblioteca do Museu de Arte de São Paulo (MASP)

À Diretoria do Museu Internacional de Arte Naïf - Mian (Rio de Janeiro)

## IN MEMORIAM

À Conceição Cahu, nossa querida amiga artista, que realizou o sonho de conhecer a França, antes de sua última viagem. Deixou saudades infinitas. Mas você também faz parte desta história.

« Se o Brasil tivesse um sobrenome, o mais digno seria Silva, pelo que tem de ancestral, de simples e de humano como a Família Silva, a Família Brasil».

Jorge Anthonio e Silva  
Curador da mostra  
***Ars Brasilis: A família Silva***  
(2006)



## RESUMO

Estudo interdisciplinar, em Arte e História da Cultura, que aborda a resistência cultural de artistas primitivos, ingênuos (naïfs), populares, contemporâneos, afro – brasileiros representados pela 'Família Silva'. Mediante história de vida de seus membros, coleta de documentação de arquivos públicos, e privados, bibliografia, e iconografia, registra a diversidade de sua cultura, produção artística, e resistência cultural: esta em face das adversidades próprias do grupo étnico-racial, em processo migratório, bem como em face das políticas públicas da cidade de São Paulo (de 1960 a 2007), relativas às mostras de arte e cultura na Praça da República. Conclui pela necessidade de formação de grupos interdisciplinares para seleção dos expositores de arte e artesanato para que se possa preservar o pólo artístico-cultural naquele local.

Palavras Chave: 1. Arte naïf. 2. Cultura afro-brasileira. 3. Políticas públicas culturais.

## ABSTRACT

Interdisciplinary Study on Arts and History of Culture regarding cultural resistance of primitive, naïf, popular, contemporary, and Afro-Brazilian artists represented by the 'Silva's Family'. Throughout the life-history of its members, collection of public and private document files, bibliography and iconography, the research registers the Silva's cultural diversity, artistic production, and cultural resistance: when facing its' own ethnic and racial adversities, in its migratory process, as well as when facing the City of São Paulo's public policies (from 1960 up to 2007), related to *Republica's Square Art and Culture Fair*. It concludes defining the need of interdisciplinary groups for the selection of art and handcrafts expositors in order to preserve the artistic pole in that site.

Key-Words: 1. Naïf Art. 2. Afro-Brazilian Culture. 3. Cultural Public Policies.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.1 ESCOLHA E ADOÇÃO DA METODOLOGIA DE TRABALHO .....	14
1.2 QUESTÕES ÉTICAS .....	19
1.3 NOSSOS ARTISTAS .....	20
1.4 NOSSOS INTERLOCUTORES .....	22
<b>1.4.1 Interlocutores Agentes do Sistema da Arte</b> .....	22
<b>1.4.2 Interlocutores de Instituições do Poder Público</b> .....	22
<b>1.4.3 Interlocutores Artistas</b> .....	23
1.4.3.1 ENRIQUE ARAVENA .....	23
1.4.3.2 IVONALDO VELOSO DE MELO  .....	24
1.4.3.3 JOEL CÂMARA .....	24
1.4.3.4 RAQUEL TRINDADE .....	25
1.4.3.5 TÂNIA FÉLIX.....	25
1.4.3.6 WALDOMIRO DE DEUS .....	26
1.4.3.7 CARLOS ALBERTO CAETANO ("Carlão") .....	26
<b>2 PONTO DE PARTIDA: PRAÇA DA REPÚBLICA</b> .....	27
2.1 VISITA À CASA E ATELIER DOS SILVA AOS 13 DE MAIO DE 2006 ....	30
<b>2.1.1 "O Espírito de Dna. Maria de Almeida" - "A História do Boi"</b> .....	33
<b>2.1.2 As músicas que Dna. Maria de Almeida cantava</b> .....	34
<b>2.1.3 João Cândido e "O Samba Contando Histórias"</b> .....	35
<b>3 SILVA: UM NOME CHEIO DE SIGNIFICADO</b> .....	39
<b>4 OS SILVA E SUAS RAÍZES</b> .....	42
4.1 GENEALOGIA .....	44
<b>5 A VIDA EM CAMPO BELO</b> .....	55
5.1 TUDO ERA MOTIVO PARA DAR FESTA .....	61

<b>5.1.1 Como funcionava o Moçambique?</b> .....	61
5.2 O PLANEJAMENTO DA VIAGEM DE MUDANÇA DEFINITIVA DA FAMÍLIA SILVA PARA SÃO PAULO .....	69
<b>6 A MUDANÇA DE CAMPO BELO PARA SÃO PAULO</b> .....	71
<b>7 POR QUE NÄIF?</b> .....	79
7.1 ARTE .....	84
7.2 ARTE POPULAR .....	86
7.3 CULTURA POPULAR .....	88
7.4 ARTESANATO .....	90
7.5 ARTES LIMINARES .....	91
7.6 ARTE NAÏF .....	91
<b>7.6.1 Douanier Rousseau</b> .....	93
<b>7.6.2 Finkelstein (2001) esclarece que Naïf difere de Primitivo</b> ...	94
<b>8 CONCEIÇÃO SILVA (1938)</b> .....	96
<b>9 EFIGÊNIA ROSÁRIA (1937)</b> .....	136
<b>10 GINA DA SILVA (1947)</b> .....	148
<b>11 ILZA JACOB DA SILVA (1939)</b> .....	166
<b>12 JOÃO CÂNDIDO DA SILVA (1933)</b> .....	177
12.1 O "FILHOTE" .....	178
12.2 NAS HORAS VAGAS JOÃO ESCULPIA E PINTAVA.EMBU DAS ARTES E PRAÇA DA REPÚBLICA.....	180
12.3 JOÃO CÂNDIDO: UM ARTISTA MOTORISTA, OU UM MOTORISTA ARTISTA?.....	183
12.4 EXPOSIÇÃO AFRO BRASILEIRA DE ARTES PLÁSTICAS NO MASP - MUSEU DE ARTES DE SÃO PAULO .....	186

<b>13 MARIA AUXILIADORA (1938-1974)</b> .....	246
13.1 IVONALDO .....	248
13.2 WERNER ARNHOLD .....	254
13.3 VILMA HAIDAR EID .....	259
13.4 MARIA AUXILIADORA .....	263
<b>13.4.1 EMBU DAS ARTES</b> .....	264
<b>13.4.2 AS COLAGENS DE CABELO E RELEVOS</b> .....	269
<b>14 MARIA DE ALMEIDA (1909 -1991)</b> .....	294
<b>15 SEBASTIÃO CÂNDIDO (1929)</b> .....	310
15.1 SEBASTIÃO CÂNDIDO DA SILVA –dados biográficos.....	312
<b>15.1.1 Como Sebastião Cândido começou a pintar</b> .....	314
<b>15.1.2 OS PRIMEIROS TRABALHOS</b> .....	315
<b>16 VICENTE PAULO DA SILVA (1929-1980)</b> .....	334
<b>17 SAGA DA REPÚBLICA: AS LEGISLATURAS DA CIDADE DE SÃO PAULO DOS ANOS 60 A 2007 SOBRE AS MOSTRAS NA PRAÇA DA REPÚBLICA</b> .....	349
<b>18 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	381
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	384
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	405
<b>APÊNDICES</b> .....	417
<b>ANEXOS</b> .....	443

**ARTISTAS PRIMITIVOS, INGÊNUOS (NAÏFS), POPULARES,  
CONTEMPORÂNEOS, AFRO BRASILEIROS.**

**FAMÍLIA SILVA: UM ESTUDO SOBRE RESISTÊNCIA  
CULTURAL**

*"Um dos maiores dilemas do pensamento brasileiro, no presente, é compreender o homem comum" <sup>1</sup>*

*São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível. <sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> IANNI, Octávio. **Sociologia e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.p.87.

<sup>2</sup> MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade Do Homem Simples: Cotidiano e História Na Modernidade Anômala**. São Paulo: Hucitec, 2000.

## 1 INTRODUÇÃO

A “**Família SILVA**”<sup>3</sup>, constituída por artistas plásticos e artesãos, representativos da cultura popular afro-brasileira, expositores na **Praça da República** em São Paulo, foi o objeto de estudo interdisciplinar, em Arte e História da Cultura, desta dissertação.

Entretanto não pudemos deixar de incluir também o Direito, que permeia os fatos aqui narrados e retrata as políticas públicas (culturais?) do período compreendido entre o final dos anos 50 e a atualidade (2007), na metrópole de São Paulo.

Pelos caminhos da História da Cultura e da Arte tivemos por objetivo adentrar as raízes africanas que remanescem nas obras dos ‘Silva’, hoje em sua terceira geração<sup>4</sup>; registrar o percurso de suas vidas, em biografias e cronologias, fundadas em fontes primárias e secundárias; e proceder ao levantamento iconográfico de suas obras, junto aos acervos familiares, de colecionadores e de museus.

Procuramos, também, identificar as diferentes interfaces existentes entre esses artistas e o denominado “sistema da arte.”

Essa expressão, ‘sistema da arte’, utilizado por Cauquelin (2005)<sup>5</sup>, *não se refere pura e simplesmente ao aspecto econômico, da lei da oferta e da procura, de forma que o mercado seria o fator determinante sobre as obras.* A autora esclarece que o referido mecanismo compreende o lugar e o papel dos diversos agentes ativos no sistema: o produtor, o comprador-

---

<sup>3</sup> **SILVA. Silvă ou Sylvă - Do Latim:** floresta. Traduções: *Para Quenya:* TAURO ou TAURON (“taurë” – floresta). Dicionário Latino Português. F.R. dos Santos Saraiva; Belo Horizonte: Garnier, 10ªEd., 1993.

<sup>4</sup> Os Silva, componentes do grupo estudado, são netos de escravos.

<sup>5</sup> CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea, uma introdução.** São Paulo: Martins, 2005, pág.14

coleccionador ou aficionado - passando pelos críticos, publicitários, curadores, conservadores, as instituições, os museus (...) dentre outros.

Por essa razão, nos propusemos, mediante entrevistas, abordar alguns dos mencionados 'agentes ativos do sistema da arte' para maior aprofundamento da pesquisa. Relativamente a este objetivo tivemos a grata satisfação de encontrar críticos, *marchands* e colecionadores, verdadeiras autoridades em seu segmento, que conhecem os 'Silva' há mais de 30 anos, e que se dispuseram a colaborar com o presente trabalho. Tais pessoas nos proporcionaram momentos inesquecíveis de aprendizado que procuramos transcrever nestas linhas.

## 1.1 ESCOLHA E ADOÇÃO DA METODOLOGIA DE TRABALHO

A minúcia do olhar remete para a descrição etnográfica, mas, sobretudo, para o que Geertz chama de *descrição densa* afirmando-a microscópica, interpretativa e capaz de resgatar o "dito" do decurso da precariedade da ocasião efêmera. Não apenas o dito mas o observado. O Olhar. O *Olhar Distanciado* é sobretudo um olhar activo, e criativo (distanciamento criativo), do trabalho de reflexão do espectador - actor (...)(RIBEIRO,2004-13).

Adotamos métodos e técnicas de investigação em Antropologia e Antropologia Visual. Isto porque ao identificarmos as diferentes problemáticas contidas naquele espaço de investigação, a Praça da República (terreno de pesquisa), verificamos ser necessário obter dados pormenorizados dos artistas objeto de nosso estudo. Isto somente seria possível mediante o conhecimento de suas histórias de vida<sup>6</sup>. Como

---

<sup>6</sup> RIBEIRO (2003 :318) menciona que a partir dos anos 70, intensificaram-se as pesquisas baseadas em histórias de vida. Dá destaque a algumas áreas temáticas, e exemplifica : **os artesãos e a mobilidade social** (destacamos o trabalho de Bertaux e Bertaux -Wiame (1980) sobre um grupo sócio profissional ameaçado pela industrialização - os padeiros artesanais. Para esse estudo da evolução da padaria



inexistem escritos sobre a maioria desses artistas populares<sup>7</sup>, e entendemos que deveriam existir, partimos para a coleta de dados com a finalidade não só de escrever suas biografias, mas de levantar dados quanto às origens das mostras naquele espaço público, relativos aos diferentes períodos políticos vivenciados por aquele grupo, as razões do estar ali todos os domingos com suas obras, os temas de seus trabalhos, suas crenças, suas origens, seus anseios, suas lutas.

Evidente que os métodos de investigação da antropologia se prestam aos nossos objetivos e constituem ferramenta útil para a recuperação e registro de dados importantes para a Arte, para a História da Cidade de São Paulo, História da arte, História da Cultura e, ao mesmo tempo, para as Ciências Políticas, tendo em vista que o contexto da denominada "**Feira de Arte, Artesanato, Antiguidades, Gastronomia, Cultura e Lazer da Praça da República**"<sup>8</sup> constitui seara das políticas públicas do Estado, em sentido lato, e do Município em sentido estrito.

Entendemos ser relevante a presente investigação porque os registros, quer oficiais, quer não oficiais, sobre diversos fatos importantes vivenciados por esses artistas e artesãos ou inexistiam, ou encontravam-se dispersos.

---

artesanal em França, estes investigadores procuraram responder à questão: " Como é que as pessoas se tornam padeiros ? O trabalho biográfico orientou-se para a análise das práticas e processos sociais. Para além das entrevistas biográficas de padeiros (independentes e assalariados) , recorreram também à entrevista a um comerciante de " fundos de comercio", que lhes forneceu algumas das mais importantes informações sobre padeiros; a dados estatísticos e a estudos históricos sobre esta profissão.

<sup>7</sup> Desde a Grécia Antiga até o século XIX, as autobiografias, e outros tipos de documentos pessoais, eram um privilégio das classes dominantes; Os indivíduos das camadas populares, em contraposição, praticamente não tinham a oportunidade de ter suas vidas contadas por escrito, fosse por eles mesmos, fosse por outra pessoa, e muito menos vê-las publicadas. Assim, o discurso sobre a sua vida fica contido na memória do seu grupo (a vila, o campo), e raramente ultrapassa esse círculo. RIBEIRO (2003:306)

<sup>8</sup> Denominação atual da Mostra que ocorre aos sábados e domingos na Praça da República.

Não se sabe ao certo, se a escassez de registros, sobre as mostras de arte e artesanato na Praça da República, Embu das Artes, e em outros locais, aonde esteve a "família Silva", deve-se ao preconceito dos intelectuais, das ditas elites culturais, da cultura erudita, ou à omissão do Poder Público da Cidade de São Paulo, ou a ambos.

Na prática o que existe é uma grande lacuna documental, histórica, de pesquisa, acerca das mostras nesses espaços públicos da cidade, acerca dos artistas e artesãos que ali expõem seus trabalhos, acerca do público que por ali transita.

Especificamente quanto à "família Silva" há também o fato desta ser constituída por afro-brasileiros. Importante ressaltar que apesar dos reconhecidos esforços de indivíduos como Emanuel Araújo, ex-secretário de Cultura, hoje Diretor do Museu Afro Brasileiro de São Paulo, há ainda, poucos registros sobre a produção artística, cultural e científica da raça negra. Em casos como esse, verifica-se que o recurso da História oral / História de Vida, recuperará muitos dados que se encontram dispersos nas diferentes memórias individuais, que poderão revelar inúmeras informações originais, pesquisa de dados primários.

Além do já exposto, os artistas pesquisados são pintores *naïfs*, que, por serem em sua grande maioria autodidatas, não-eruditos e com temas populares, deixam de ser aceitos por muitos. Na realidade, como observou Carl Jung, "...representam os últimos ecos da alma coletiva em vias de desaparecimento"<sup>9</sup>.

Assim, acreditamos que a História oral será a alavanca<sup>10</sup>, a ferramenta mestra, por assim dizer, para a coleta de dados sobre a

---

<sup>9</sup> FINKELSTEIN, Lucien. **Brasil Naïf. Arte Naïf Testemunho e Patrimônio da Humanidade**. Rio de Janeiro : Novas Direções, 1981.

<sup>10</sup> Nesse sentido, muitos creditam à história oral o papel de produtora de documentos em casos em que a censura, políticas governamentais ou o desligamento cultural não

História de Vida desse grupo de artistas, sua trajetória de vida, desde as origens africanas, até se radicarem em São Paulo, passando pela Bahia, e pelas diversas cidades de Minas Gerais.

Além do caderno de campo e do recurso da fotografia, utilizamos os registros em áudio e vídeo, para que os ambientes da pesquisa ficassem documentados. Conforme o dito popular, acreditamos que “uma imagem vale mais que mil palavras” e, por essa razão, além dos textos, a pesquisa constituiu-se, também, de coleta de imagens para que pudéssemos deixar registradas visualmente as diferentes fisionomias, os diferentes lugares, a vasta produção artística, e até mesmo as manchetes de jornais que nos reportam os momentos políticos vividos.

Elaboramos um roteiro apenas com questões orientativas (vide Apêndice I), bem como ficha dos informantes (Apêndice II) e partimos ao terreno de pesquisa, no intuito de ver nossos artistas em seu local de trabalho, de conversar com eles e com o seu público, de obter as informações necessárias ao cumprimento dos objetivos aos quais nos propusemos.

Indispensável foi o referencial teórico de autores nacionais e estrangeiros, entretido aos dados de campo. O referencial teórico foi a base de onde extraímos os conceitos e os dados históricos iniciais que precisávamos para edificar a pesquisa. E durante a própria investigação de campo, cada informação verbal foi buscada e confirmada em bibliografia, arquivos históricos, publicações de jornais, filmes, músicas, outros informantes, o que por si só, evitará que seja colocada em cheque a validade da investigação baseada em histórias de vida, uma vez que essa metodologia tem provocado diferentes tomadas de posição por parte dos investigadores (RIBEIRO,2003:317).

---

promoveram registros (...) ou quando não se leva em consideração experiências grupais populares (MEIHY, 2005), que entendemos ser o nosso caso.

Quanto ao campo do Direito, nos concentramos em um breve estudo de legislação específica: relativa às exposições (feiras), em particular da Praça da República em São Paulo, local que foi o ponto de partida da pesquisa. Isto porque nos interessamos em verificar quais as **políticas públicas** existentes relativamente às mostras a céu aberto, em específico naquela Praça.

Seria impossível falar dos Silva sem falar do cenário e contexto em que os conhecemos: na luta pelo espaço de exposição na Praça da República, no ano de 1999, luta que envolvia a todos os expositores, como veremos mais tarde.

Apesar de restrita às mostras em Praças Públicas o que, em um primeiro momento nos parecia simples, a pesquisa de legislação foi bastante dificultada. Isto devido à falta de organização dos arquivos públicos, pois que inexistem bancos de dados virtuais para consulta do período anterior aos anos 80, o que muito nos interessava.

Nos arquivos físicos das diferentes bibliotecas, a indexação também se encontra muito inadequada: não há conformidade de palavras-chave, tanto na própria redação das normas, como na forma de catalogar os arquivos dos Diários Oficiais do Município e da Câmara Municipal de São Paulo, o que impediu o acesso às informações.

Assim, os dados que necessitávamos foram coletados em arquivos os mais diversos<sup>11</sup>, e poderão ser de utilidade futura a outros pesquisadores que eventualmente se interessem pela matéria. Esses poderão partir de uma base de dados já sistematizada e simplificada, na forma de cronologia legislativa.

---

<sup>11</sup> Nos arquivos físicos do **DPH** - Departamento do Patrimônio Histórico do Município de São Paulo; da **Câmara Municipal de São Paulo**; da **AASP** - Associação dos Advogados de São Paulo; da **Prefeitura do Município de São Paulo**; e nos arquivos virtuais da Municipalidade de São Paulo, disponível em <<http://www.prefeitura.sp.gov.br>> Acesso em 15 de maio de 2007.

## 1.2 QUESTÕES ÉTICAS

Como salienta RIBEIRO (2003:314), no âmbito das ciências sociais, nomeadamente pela utilização das histórias de vida no processo de investigação, o outro se tornou audível e visível. E prossegue o mesmo autor<sup>12</sup>:

Conta-se, rememora pedaços do seu vivido, (re) constrói a sua identidade através de uma interacção social com o investigador, o seu interlocutor situa-se no presente, exprime os seus receios e expectativas relativamente ao futuro.

As suas palavras são inscritas nos textos científicos após um trabalho de adaptação, de passagem da produção oral à produção escrita ou de imagens. Daqui decorrem implicações éticas, metodológicas, epistemológicas.

Quanto às implicações éticas, faz-se necessário mencionar que nos municiamos de autorizações para a publicação, para fins didático/acadêmicos, dos conteúdos aqui reproduzidos que, por questões de privacidade, poderiam enfrentar óbices. Isso ocorreu junto ao MASP - Museu de Arte de São Paulo, aonde nos comprometemos a apenas utilizar imagens (de Pierre Verger) e textos lá obtidos, para fins desta dissertação; bem como junto a Werner Arnhold, crítico, colecionador de arte e *marchand*, relativamente a excertos de correspondências enviadas a Pietro Maria Bardi, sobre a artista Maria Auxiliadora da Silva.

Importante também mencionar a verdadeira **co-autoria** dos artistas da Família Silva, na elaboração de grande parte da presente pesquisa. Isso porque ficamos até na dúvida de como proceder, quanto aos relatos que simplesmente transcrevemos bem como textos que os próprios "Silva" produziram: suas autobiografias. Isto sem falar na

---

<sup>12</sup> RIBEIRO, José da Silva. Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia. Lisboa: Universidade Aberta, 2003.

grande parceria na busca de imagens e endereços de pessoas, para que pudéssemos reconstituir histórias e concretizar o trabalho idealizado.

Como a pesquisa acadêmica tem a autoria da ora mestranda, buscamos solucionar o impasse mediante a referência direta, aos nomes dos diferentes 'co-autores' nos diversos textos, bem como a inclusão das autobiografias no referencial teórico e na bibliografia.

Convém esclarecer que a nossa relação com os artistas da Família Silva ultrapassa a relação pesquisadora/pesquisados. Constitui colaboração, confiança e, sobretudo, grande amizade. Passamos muitos dias, e muitas noites, contando e ouvindo histórias, examinando e organizando inúmeros documentos. Organizamos, em conjunto, muitas exposições (1999 a 2007); os visitamos inúmeras vezes na Praça da República, na Avenida Paulista – Calçada do Parque Trianon (1999/2000), na Avenida Ipiranga (1999), na Praça dos Omaguás, e em suas casas. Viajamos em grupo ao interior da França (Chartres, Orléans, Poitiers, Bordeaux), e a Paris (2004), e também a Campo Belo (Minas Gerais-2006), Mairiporã (2006), Embu das Artes (2007). Choramos com grande pesar a perda de uma artista amiga em comum, e gargalhamos comendo pizzas e contando histórias em finais de noites de trabalho.

### 1.3 NOSSOS ARTISTAS

**João Cândido**, auxiliado por sua mulher, **Ilza Jacob**, foi um dos principais interlocutores para a realização desta pesquisa. Da família, detinha a maior quantidade de documentos e artigos de jornais que, após classificados, possibilitaram a obtenção das informações necessárias à construção histórica e biográfica realizada<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Muito entusiasmado com a pesquisa sobre si e sua família, a cada semana coletou mais e mais informações: fotografias, recortes de jornais e revistas antigos, alguns já rasurados, sem o nome da matéria, o nome do jornal, ou com datas ilegíveis, mas que auxiliaram a memória para reportar os principais momentos dos Silva.

Foi também o líder, por assim dizer, pois conseguiu convocar os irmãos para que estes também reunissem o maior número de dados para o trabalho ora apresentado, bem como para empreender viagem e visitas a locais (O Velhão, na serra da Cantareira, Mairiporã, SP; Campo Belo (MG), dentre outros) que fizeram e fazem parte da história dos "Silva".

Por esta razão, em muitos dos textos constam mais frases de João Cândido, do que dos seus irmãos, pois agiu como um verdadeiro contador de estórias e histórias.

**Efigênia Rosária**, por sua vez, contribuiu sobremaneira na fase final, complementando as informações e rebuscando os velhos alfarrábios para localizar uma peça aqui e outra ali: datas, imagens, nomes. Não foi tarefa fácil! Conseguiu também trazer a irmã, a conhecida **GINA**, carregada de bonecos, com os quais conversa e conta histórias e estórias.

**Conceição Silva** reuniu os seus materiais em uma pasta e também escreveu uma pequena autobiografia. Pequena em tamanho, mas rica em conteúdo, com parte de sua vida. Além de documentos de mostras, centenas de fotografias artísticas revelaram a sua beleza que conquistou as objetivas de fotógrafos nacionais e estrangeiros. Estes até postais comercializaram, com o seu lindo rosto.

**Sebastião Cândido**, o mais velho dos irmãos Silva, chegou quase no final da pesquisa, mas nem por isso sua colaboração foi menor. Conseguiu obter com o filho, arquivos que o mesmo mantém "a sete chaves", onde, além de sua carreira artística, constavam informações que complementaram todas as narrativas. Trouxe a solução para muitas dúvidas, o que possibilitou o preenchimento das lacunas que nos pareciam infindáveis.

**Natália Natalice** foi a última que conseguimos entrevistar. Poetisa e cronista, Natália complementou informações de todo o grupo, e nos

trouxe poemas dedicados aos seus falecidos genitores, aos quais atribui as qualidades artísticas da família.

De fato, cada qual trouxe a sua história, a sua visão do todo, com colorido próprio. Assim, pouco a pouco, os fatos narrados pelos diversos personagens e interlocutores, como em um enorme quebra-cabeça, encaixaram-se, e surgiu a história de uma original família de artistas populares brasileiros: a '**Família Silva**'.

## 1.4 NOSSOS INTERLOCUTORES

### 1.4.1 Interlocutores Agentes do Sistema da Arte

**Emanoel Araújo.** Diretor do Museu Afro-Brasileiro de São Paulo. Artista Plástico ex-secretário da Cultura de São Paulo. Ex-Diretor da Pinacoteca de São Paulo. Parque do Ibirapuera, São Paulo, SP. Tel. (11) 55 79 0593.

**Jacques Ardies.** Galerista especializado em artistas naïfs. Escritor e editor de obras sobre artistas naïfs.

Galeria Jacques Ardies. Rua Morgado de Matheus, 579, Vila Mariana. São Paulo, SP. Tel. (11) 5539 7500

**Vilma Haidar Eid.** Galerista especializada em arte popular brasileira. Presidente do Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro e Presidente do Conselho da Associação Museu AfroBrasil.

Rua Ferreira de Araújo, 625, Pinheiros. Galeria Estação São Paulo, SP. Tel. (11) 3813 7253

**Werner Arnhold.** Marchand e colecionador. Foi responsável por grande parte da divulgação do trabalho de Maria Auxiliadora no exterior.

### 1.4.2 Interlocutores de Instituições do Poder Público

**SECRETARIA DA CULTURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.**

**Ilmo Sr. Carlos Augusto Machado Calil,** Secretário da Cultura do Município de São Paulo. Ex - Diretor do Centro Cultural Vergueiro. Avenida São João, nº 473, 11 andar. Centro, São Paulo, Capital.



**SECRETARIA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DE EMBU DAS ARTES.**  
**Ilmo.sr. Walter Rocha,** Secretário de Turismo do Município de Embu.  
Rua Andronico dos Prazeres Gonçalves,114 – Embu das Artes,São Paulo.

**CASA DA CULTURA DE CAMPO BELO (MG)**

**Dra. Denise Cássia Garcia,** Ex-Diretora da Casa da Cultura de Campo Belo, Minas Gerais. Cadeira n.37 da Academia Campo-Belense de Letras.  
Rua Juca Escrivão, 120, Campo Belo, Minas Gerais. Tel. (035) 3831 17 34.

**CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO.**

**Martha Campos,** Assessora Parlamentar da Vereadora *Myryan Athie*.  
Palácio Anchieta, Viaduto Jacareí, nº 100, São Paulo, Capital.  
Tel. (11) 33 96 45 66

### **1.4.3 Interlocutores Artistas**

**1.4.3.1 ENRIQUE ARAVENA.** Artista Plástico chileno, expositor da Praça da República.



Ilustração 1.1.**Enrique Aravena.**Foto tirada por ocasião do evento em comemoração ao **Ano do Brasil na França.** BMA - Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, 2005. Foto MRB.

**1.4.3.2 IVONALDO VELOSO DE MELO.** Artista plástico, ex-expositor na Praça da República, contemporâneo e amigo de Solano Trindade (Embu) e amigo de Maria Auxiliadora da Silva.



Ilustração 1. 2. **Ivonaldo.** Foto tirada na *Sala Pretérito Perfeito*. São Paulo, SP. 2007. Foto MRB.

**1.4.3.3 JOEL CÂMARA.** Artista Plástico há 40 anos e expositor na Praça da República e Embu das Artes.



Ilustração 1.3. **Joel Câmara.** Foto tirada por ocasião do evento em comemoração ao **Ano do Brasil na França**. BMA - Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, 2005. Foto MRB.

**1.4.3.4. RAQUEL TRINDADE.** Artista Plástica. Filha de Solano Trindade, viúva de Vicente de Paula Silva.



Ilustração 1.4. **Raquel Trindade.** 'kambinda'. Foto tirada por ocasião do Centenário de Solano Trindade. Embu das Artes, SP. Julho de 2007. Foto MRB.

**1.4.3.5 TÂNIA FÉLIX.** Artista plástica, amiga da falecida artista Maria Trindade Almeida da Silva.



Ilustração 1.5. Tânia Félix. Foto tirada por ocasião do evento em comemoração ao **Ano do Brasil na França.** BMA - Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, 2005. Foto MRB.

**1.4.3.6. WALDOMIRO DE DEUS.** Artista Plástico co-fundador das mostras na Praça da República: Participou de mostras no MASP juntamente com Maria Auxiliadora da Silva, Maria de Almeida, João Cândido da Silva



**Ilustração 1.6. Waldomiro de Deus.** Foto extraída da Obra de Oscar D'Ambrósio. Os Pincéis de Deus. Vida e Obra do Pintor Naif Waldomiro de Deus.

**1.4.3.7. CARLOS ALBERTO CAETANO ("Carlão").** Co-fundador da *Escola de Samba Unidos do Peruche*, juntamente com Vicente Paulo da Silva e João Cândido da Silva



**Ilustração 1. 7. Carlos Alberto Caetano ao lado de João Cândido.** Entrevista especialmente elaborada para esta pesquisa, por ocasião do Centenário de Solano Trindade. Embu das Artes, SP. Julho de 2007.

## 2 PONTO DE PARTIDA: PRAÇA DA REPÚBLICA.



**Ilustração 2.1 *Praça da República***: 30.000 m<sup>2</sup> de área no Centro de São Paulo. Foto de MARCOS ROSA (2000) *São Paulo Vista do Céu*<sup>14</sup>.

Da observação da vista aérea da Praça da República vê-se do lado esquerdo a atual sede da Secretaria de Estado da Educação, antiga Escola Normal Caetano de Campos e, do lado direito, o espaço onde ocorre a atualmente a denominada '*Feira de Arte, Artesanato, Antiquidades, Gastronomia, Cultura e Lazer da Praça da República*'.

A presença física daquela Secretaria, no entanto, não significa que haja "diálogo" <sup>15</sup> entre o sistema da Educação e o fenômeno artístico-cultural, representado pela referida 'feira', que ocorre naquela grande

---

<sup>14</sup> ROSA, Marcos. *São Paulo Vista do Céu*. São Paulo: Caras. 2000

<sup>15</sup> Esse fato foi observado pelo Professor Doutor **Marcos Tarciso Mazetto**, quando da apresentação do Projeto desta pesquisa para a qualificação.

área, há mais de meio século, como examinaremos no decorrer desta pesquisa.

*Perguntamo-nos se deveríamos trazer o "primitivo" para o nosso convívio, em pessoa e produção, ou, ao invés, reunirmo-nos a ele, na medida do possível, em seu meio ambiente. Pois o súbito transplante desse tipo de artista de suas roças, pequenas cidades, subúrbios, favelas ou pequenas repartições públicas significa uma radical guinada, que muda o seu modo de viver e de se representar a vida. Isto, somado à pressão exercida pelo mercado de arte, induz à sua rápida descaracterização. (FROTA, 1975)*

Centro de São Paulo, selva de pedra, poluição, marginalidade, obras inacabadas, buracos, camelôs, trânsito congestionado, turistas curiosos, e ali estão os nossos artistas reunidos na Praça da República, com sua exposição de domingo pela manhã. Alguns desenham e pintam, outros somente mostram em seus cavaletes, e em apoios junto ao chão, algumas das obras que já produziram.

Quando ainda nem pensávamos em realizar esta pesquisa sobre os artistas da Praça da República, já refletíamos acerca da importância das mostras que ali se realizavam sob os aspectos de arte-cultura e educação. Mas, foi somente quando ficaram tensas, as relações dos expositores com o Poder Público, momento bastante difícil, sobretudo para os artistas plásticos, foi que passamos a nos interessar pelo destino da mostra e pelas histórias de vida desse grupo e seu futuro. Isso ocorreu no ano de 1999. Época em que o então Prefeito Celso Pitta<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> **Celso Roberto Pitta do Nascimento.** Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Mestrado em Economia dos Transportes pela Universidade de Leeds (UK), e graduado em Administração avançada pela *Haward Business School* nos Estados Unidos. Eleito, em 1996, com a expressiva votação de 3.178.300 votos, ou seja, 62,28% dos votos válidos (...) primeiro prefeito negro eleito na história desta metrópole. É evidente que uma boa administração de Celso Pitta há de ser um bônus a mais creditado a favor dos afro-descendentes..(Oliveira, 1998)

ordenou o esvaziamento da praça, mediante o uso de força da cavalaria da Polícia Militar e de jatos d'água. Esse foi o diálogo.

Evidentemente, diante desse quadro, verificamos que o tratamento ministrado aos artistas, e às suas obras, não se apresentava minimamente adequado e conveniente ao pólo artístico-cultural que foi mantido, a duras penas (verdadeira resistência), ao longo de quase meio século, no centro histórico da cidade de São Paulo.

Entretanto, apesar de termos defendido os interesses dos artistas<sup>17</sup>, bem como os de preservação do patrimônio artístico e cultural, que as mostras da referida praça representam, a idéia de pesquisar e documentar a história de vida, e a produção artística e artesanal, especificamente da "família Silva", nasceu bem mais tarde.

Surgiu a partir do fato de termos verificado que poucos autores dedicam-se ao denominado "homem comum", ao "homem simples", aos "Silva", à observação e registro da história das mentalidades que se desenvolve à margem das idéias dominantes. No campo artístico, como observa Lelia Frota<sup>18</sup>, *há uma resistência quando se trata de relacionar e exibir essas criações ao público, que muitas vezes congela as artes populares como pertencentes ao passado, enquanto qualifica a arte alta das elites como contemporânea e/ou projetada para o futuro.*

Em específico a Família Silva, além de se tratar de um grupo de artistas que expõe "na rua" (na Praça), suas artes encontram-se dentro de uma categoria denominada pela maioria dos estudiosos de **arte naïf** (ingênua), ou até mesmo de primitiva. Tal arte, por incompreensão e desconhecimento de muitos, é marginalizada dos circuitos das culturas dominantes ou eruditas, sobre as quais discorreremos oportunamente, com base nos estudos de Teixeira Coelho (2004).

---

<sup>17</sup> Pelo fato de atuar como advogada.

<sup>18</sup> FROTA, Lelia Coelho. Op. Cit, 2005.

A esse respeito nos reportamos mais uma vez, às ricas observações de FROTA (2005) que menciona na parte introdutória de seu *Dicionário da Arte do Povo Brasileiro – século XX que (...) as culturas do povo são historicamente desconhecidas. Muitas de suas criações são até denominadas por nós de “primitivas”, como se fossem de grupos tribais distantes, no espaço e no tempo, das sociedades complexas, urbanas. E a autora enfatiza: “Precisamos, portanto, estudar com mais regularidade e tornar conhecido um corpus de informações sobre as criações do povo”.*

Como, desde há muito, já havíamos identificado a Família Silva dentre os vários expositores da Praça da República, de quando em quando por ali passávamos e trocávamos algumas idéias sobre as exposições, os novos trabalhos, os sucessos e as dificuldades.

Quando finalmente decidimos elaborar a presente pesquisa e perguntamos se os Silva estariam dispostos a participar, logo surgiu um convite para almoço: - Vamos almoçar lá em casa ? Vamos fazer um prato que é minha especialidade. Disse Ilza Jacob, mulher de João Cândido.

O convite era irrecusável, tanto que foi imediatamente aceito e na data combinada fomos à casa dos Silva.

## 2.1 VISITA À CASA E ATELIER DOS SILVA AOS 13 DE MAIO DE 2006.

Chegamos ao bairro da Casa Verde Alta, na casa dos Silva, por volta das 13 h. Fomos recebidos, na calçada, pelo artista João Cândido. Na entrada a cadeira de barbeiro/ cabeleireiro, função exercida por uma de suas filhas. Nas paredes os anúncios e imagens de tranças (“dredes”<sup>19</sup>)...Ao fundo, o seu atelier com vista para a bela serra da

---

<sup>19</sup> Dredes- Tranças finas.



Cantareira, aonde ainda existe um pouco de verde permeando o casario que resiste à verticalização da cidade.

Do outro lado da rua, bem na direção da casa dos Silva, há uma placa: **Escola Municipal de Educação Infantil "Vicente Paulo da Silva"**.

João Cândido informou (e mais tarde nos mostrou e cedeu os documentos para a pesquisa), que a nova denominação atribuída à Escola Municipal de Educação Infantil, do Conjunto Habitacional Nossa Senhora da Penha, localizada na então Administração Regional da Freguesia do Ó, foi uma homenagem prestada ao seu irmão, escultor, concedida mediante a proposta e pedido do Vereador Eurípides Sales<sup>20</sup>. Com os documentos em mãos verificamos que foi aprovada e outorgada mediante Decreto Municipal firmado pelo Prefeito Jânio "da Silva" Quadros, aos 29 de junho de 1988, publicado no DOM de 30 de junho de 1988.

***" Homenagear Vicente Paulo da Silva com o nome de escola foi a feliz idéia dos que crêem no homem comum como construtor da História do seu país."*(BUENO, 1995)<sup>21</sup> (grifamos)**

No atelier dos 'Silva', encontramos esculturas em madeira de demolição, em concreto, pinturas em tela, pinturas em madeira. Muitas obras em andamento, algumas encomendadas, outras para expor na Praça da República aos domingos, e outras ainda, para atender a exposições futuras (Parque da Água Branca, Salão 'Naïf' de Piracicaba...).

Muitos temas do dia a dia: "o homem do biju", "a capoeira», "a festa de reis", " a gafeira" , " as peladas", "a venda do amendoim"...

---

<sup>20</sup> Ofício OF.ES-584/88 Dirigido ao Secretario Municipal da Educação , Doutor Paulo Zingg aos 14 de junho de 1988.

<sup>21</sup> BUENO, Joel Evangelista (Diretor Escolar). Biografia do Patrono da EMEI «Vicente Paulo da Silva». Documento cedido pela Família Silva aos 13 de Maio de 2006.

Além das suas próprias obras, João nos mostrou, com orgulho, trabalhos em madeira de seu falecido irmão, Vicente Paulo da Silva, e de sua mãe, Maria Almeida Trindade da Silva.

Após a visita ao atelier, descemos para a casa. Exalavam os temperos da comida apetitosa... Entramos na cozinha.

Um papagaio curioso dependurado do lado de fora de uma grande gaiola no canto da porta, ora dormia, ora circulava de um lado para o outro, e observava, lá de cima, as conversas e o movimento da cozinha.

Na grande panela, "Dobradinha com feijão branco", especialidade de Ilza Jacob Silva (mulher de João), acompanhamentos: salada e arroz.

No quarto ao lado da cozinha dormia uma bebê, uma das netas de João e Ilza. Enquanto a mãe trabalha a bebê fica com os avós.

Durante o almoço, o resto da família foi chegando. A filha que trabalha com costura, a irmã Efigênia, e logo após Conceição Silva.

De conversa em conversa, foram surgindo as histórias. Histórias preciosas da família, da arte, da formação da própria cultura brasileira, com suas raízes afro-brasileiras. Sobremesa: melancia cortada do jeito da Dna Efigênia Rosária da Silva. O corte foi no meio da melancia repartindo-a em duas partes. Uma das metades foi colocada em um prato como um "bolo". Daí foram cortadas as fatias, uma a uma, como Dna Efigênia fazia quando trabalhava na Prefeitura (Escola Municipal de Educação Infantil-EMEI), só que lá, *"as fatias eram mais finas para poder atender a todas as crianças."*



**Ilustração 2. 2** A cozinha dos Silva. Dobradinha com feijão branco e a melancia cortada à moda de Efigênia Rosaria.

Ali na cozinha, as conversas trouxeram lembranças importantes da infância daquela família. Uma delas foi a que denominamos de “o espírito de Dna. Maria de Almeida, a história do boi”, e a outras referem-se às músicas que a mãe cantava e à história da Escola de Samba da qual João foi fundador.

### **2.1.1 “O Espírito de Dna. Maria de Almeida” - “A História do Boi”.**

*“Minha mãe era mulher que parecia homem... subia em árvore, fazia força...” João Cândido.*

Lá perto de casa, além da estrada de ferro, tinha uma estrada paralela, uma estrada de terra. Ali andava carro e também carro de boi e boiada.

Um dia, um vaqueiro avisou que um boi, ou uma vaca (não sei...) tinha tomado água no ribeirão e caiu morta... Então quem quisesse arriscar... Podia aproveitar a carne.

A mãe foi lá, 1 km de distância da nossa casa, mais ou menos, sangrou a vaca e voltou com uma bacia de carne.

Foi logo salgando e pendurando nos varais.

Meu pai depois de ver aquilo, depois de algum tempo, resolveu ajudar e acabou carregando umas bacias também..!

Os vizinhos ficaram só observando, olhando, dia após dia, pra ver se a família ia morrer...

Depois de uns quatro dias, mais ou menos, como viram que ninguém morreu, começaram a aparecer com pratinhos na nossa porta - "podiam dar , para nós, um pedaço daquela carne ?"

### **2.1.2 As músicas que Dna. Maria de Almeida cantava**

**CONCEIÇÃO SILVA** - Nossa mãe cantava muito. E fazia as crianças, (nós) cantarmos também.

*«A vizinha conta seus patos pra ver se falta algum,  
Lá em casa tem muita pena, mas pato, não tem nenhum.  
Descendo a rua abaixo,  
Quando vi um pato encostado,  
Logo me deu vontade, de comer pato ensopado. »*

### 2.1.3 João Cândido e "O Samba Contando Histórias"

**João Cândido** - *Eu tocava surdo. A gente tinha o costume de tocar, de fazer seresta, três ou quatro ficávamos tocando a noite toda. (tempo pensando...)*

*No Peruche<sup>22</sup> tinha o "batuque" que acompanhava o futebol. Mas depois formou uma turma que tocava, e outra que cantava, as mulheres vinham também e algumas pessoas ficavam assistindo nas ruas, nos bares...*

*Daí resolvemos formar um "bloco". Às vezes aconteciam certas rivalidades entre as turmas. Coisa de ciúme, competição. Depois formamos o cordão. Foi idéia do Carlão, aquele que depois ganhou o título de "Cidadão do Samba".*

*Formamos o cordão do "**Bico Doce**" (bico doce é «linguagem da malandragem»).*<sup>23</sup>

*Muitos negros participavam e apenas dois brancos: O Procópio e o Zibu.*

*Era meio cômico, mas tinha nego que nunca tinha ido à cidade... Que não conhecia a cidade. Só ficava no bairro. Quando o "Bico Doce" entrou na cidade a primeira vez, assustou um pouco.*

*Tinha gente que se assustava com as fantasias... Tinham outros que queriam pegar as máscaras e enfeites pra eles e dava muita confusão.*

*Uma vez a polícia invadiu o desfile, porque estavam fazendo desordem. Mas não tinha mulher pelada nos desfiles... Isso não tinha não.*

---

<sup>22</sup> Bairro de São Paulo situado na zona norte da cidade de São Paulo.

<sup>23</sup> **Bico-Doce** [De bico + doce.] Substantivo masculino; 1 Bras. Arte de seduzir ou convencer, astúcia, manha. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3ª. Edição. Curitiba: Positivo, 2004. 1 CD-ROM.

**Conceição Silva** - *Naquele tempo o desfile era na Avenida São João, na Brigadeiro Luiz Antonio, depois foi também para a Praça do Correio (1950 mais ou menos). (tempo pensando para se lembrar)*

O pessoal ia lá em casa, enchia uma bacia de água, para molhar o cabelo, alisava o cabelo e passava uma pasta chamada...; "GUMEX" (!) e fazia um topete (só que os nossos eram de dois andares ! [risos] para ficar parecido com o Nat King Cole<sup>24</sup>.



**Ilustração 2.3** Fotografia Nat King Cole<sup>25</sup>

**João Cândido** - *A Prefeitura dava uma verba para o desfile<sup>26</sup>. Alguns pagavam pela própria fantasia. Eu gostava de ganhar a fantasia e não de pagar. Eu sempre fiz parte dos batuqueiros.*

**Conceição Silva** - *Eu dançava no Som de Cristal, no Garitão na Barra Funda e... Também no "28".*

**João Cândido** - *Naquele tempo não tinha samba - enredo. Tinha samba, tinha o Cartola, marido da Dna. Zica, o Jamelão, que está aí até hoje. O Carlão teve a idéia do samba - enredo: o samba contando histórias... Mas ninguém quis seguir a idéia do Carlão... Daí, depois de um tempo, começaram a fazer isso no Rio de Janeiro, e ficou deles a idéia!*

---

i Na primeira metade do século XIX, o espaço hoje ocupado pela **Praça da República** era uma vasta área, distante do então centro da cidade, utilizada exclusivamente para exercícios militares e conhecida como Praça da Legião. Mais tarde, recebeu as denominações Praça dos Milicianos, Praça dos Curros e Largo 7 de Abril.

Com a Proclamação da República em 1889, diversos locais da cidade tiveram seus nomes alterados: o largo tornou-se Praça da República. O expressivo processo de crescimento industrial e comercial da cidade de São Paulo provocou sua expansão em diversas direções. A construção do Viaduto do Chá, em 1892, facilitou a ocupação da área em direção à Praça da República, consolidando a existência do "centro novo".

Essas transformações urbanas marcaram a última década do século passado, tendo como destaque no quadro das reformas republicanas do ensino a construção da Escola Normal Caetano

---

<sup>24</sup> *Nathaniel Adams Coles*, (Montgomery, 17 de março de 1919 — Santa Mônica, 15 de fevereiro de 1965) foi um cantor e músico de jazz norte-americano.

<sup>25</sup> *Nathaniel Adams Coles*. Disponível em: < <http://www.imusica.com.br/artista.aspx?id=4880>.> Acesso em 20 de julho de 2006.

<sup>26</sup> Tal fato, mais tarde, verificamos tratar-se da Prefeitura de Faria Lima, na qual ficaram legalizados os desfiles carnavalescos em São Paulo, bem como instituídos os concursos das Escolas de Samba. Vide item relativo ao Prefeito Faria Lima, no capítulo «Saga da República».

---

de Campos, seguida de perto pelo seu pioneiro Jardim da Infância.

Construída como símbolo e exemplo de qualidade de ensino e formadora de cidadãos conscientes, alguns de seus ex-alunos desempenharam importante papel na luta para preservar sua presença na praça, integrada ao quadro do progresso urbano.

A partir dos anos 40, alterações urbanas ocorreram no entorno da Praça da República: a implantação do projeto das grandes avenidas do prefeito Prestes Maia, a construção do 'Edifício Esther, de características modernistas, a construção do Edifício Itália, ainda hoje o mais alto da cidade, e a construção da Estação República do Metrô.

"No início do século XIX, já se fazia referência a uma praça situada entre a chácara do Chá, de Joaquim José dos Santos, mais tarde Barão de Itapetininga, \_ a chácara do general Arouche. Por ser um local amplo e se encontrar afastado do centro da cidade era utilizado para exercícios militares, sendo conhecido como Praça da Legião, posteriormente denominada Praça dos Milicianos. Sua transformação em área de recreação pública ocorreu em 1817, orientada pelo engenheiro militar Daniel Pedro Muller, com a construção de anfiteatro de madeira para realização de touradas, cavalhadas e circo de cavalinhos. Nesse período, tornou-se conhecida como Praça dos Curros.

#### **PERÍODO: 1860-1904**

Com a deterioração do anfiteatro de madeira e o fim das touradas e cavalhadas, a praça passa a ser o espaço de treinamento de cocheiros e de animais destinados à tração de veículos. Sua denominação é alterada para Largo 7 de Abril em 1865. Com o advento do governo republicano, vários locais da cidade tiveram seus nomes alterados: o largo passou a denominar-se Praça da República. A ocupação da região alterou-se rapidamente com a formação do "centro novo", consolidado com a inauguração do Viaduto do Chá. Em 1894, o marco arquitetônico Escola Normal de São Paulo, mais tarde Escola Normal Caetano de Campos, foi inaugurado. Posteriormente, foi construído anexo a ele o Jardim da Infância.

#### **PERÍODO: 1905-1940**

A área verde da praça é remodelada em 1905, na gestão do prefeito Antônio Prado, com a construção de canteiros, tanques, pontes e calçadas. A cidade ganha um novo ponto de encontro para as famílias dos bairros circundantes e para os estudantes das escolas da região, principalmente os da Faculdade de Direito, que faziam cantorias e recitativos diante da herma de Álvares de Azevedo. Em 1912, inaugura-se o coreto do jardim. No final da década de 30, o prefeito Prestes Maia implanta o projeto das grandes avenidas, alterando o espaço da praça e seu entorno. Inicia-se, assim, a construção do primeiro arranha-céu modernista, o Edifício Esther, e o Jardim da Infância são demolidos para o prolongamento da Avenida São Luís.

O Cine República foi inaugurado em 1921, com uma apresentação do cômico Grock. Depois de quase 15 anos de funcionamento, o cinema foi desativado e, em seu lugar, instalada a Recebedoria Federal. Quando esta repartição mudou-se para a Rua Florêncio de Abreu, o local foi alternadamente ocupado para a promoção de bailes de carnaval e outros usos como o de rинque de patinação. O Cine República foi reinaugurado em 1952, com a projeção do filme "O Manto Sagrado", pioneiro do processo *cinemascope* no Brasil e do uso da tela panorâmica, considerada a maior do mundo em 1955. Sua demolição ocorreu em 1978, em virtude das obras do Metrô.

No final da década de 40, desenvolveu-se um comércio informal de colecionismo, com troca e venda de selos, moedas e medalhas. Vinte anos mais tarde, pintores e artesãos descontentes com o trabalho das galerias de arte da cidade, que os distanciavam do público, elegem a praça como local para exposição dos seus trabalhos. Em 1967 somente ficaram legalizadas as mostras que espontaneamente ali se realizavam, quando a Prefeitura criou a feira de arte e artesanato aos domingos, conhecida como "feira hippie", como veremos em capítulo próprio.

#### **PERÍODO: 1941-1994**

A Avenida Ipiranga é inaugurada em 1941, reduzindo a área verde da Praça da República. Aos domingos, colecionadores passam a ocupar o local com a feira de filatelia e numismática. No final da década de 60, artistas plásticos e artesãos, pintores em sua maioria, elegem a praça para

---

expor e vender seus trabalhos diretamente ao público, na "feira hippie", distante do circuito das galerias de arte. É também dessa época a inauguração do Edifício Itália, ainda hoje o mais alto da cidade. Poucas alterações ocorreram até 1978, quando se iniciou a construção da Estação República do Metrô. Alguns prédios foram demolidos, árvores transplantadas, integrando o trecho da Rua 7 de Abril ao atual desenho da praça.

### **Manifestações na Praça da República**

A Proclamação da República ocasionou a primeira manifestação política: o senador Souza Queiroz, residente onde hoje está o Edifício Esther, reuniu amigos armados, na expectativa de um ataque que acabou não acontecendo. Já em 23 de maio de 1932, na esquina da praça com a Rua Barão de Itapetininga, uma multidão avançou contra a sede da Legião Revolucionária, sendo recebida à bala. Essa manifestação culminou na morte dos estudantes Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, homenageados posteriormente com a sigla MMDC, dada ao movimento líder da Revolução Constitucionalista eclodida em 9 de julho. Em 1964, a praça foi o ponto de partida da Marcha da Família, em direção à Praça da Sé, e, em 1968, transformou-se no palco das manifestações estudantis contrárias ao regime militar. Foi palco das reivindicações pelas eleições diretas no decorrer de 1984.

### **Estação República do Metrô**

Ao se projetar o Metrô, a situação urbana central da praça proporcionou a implantação da Estação República, conexão das linhas sudeste - sudoeste e leste-oeste, esta já em operação. O projeto e a construção dessa estação foram condicionados à necessidade de preservar a área verde da praça com seus monumentos e conservar os edifícios públicos e privados de grande representatividade. Assim, foi localizada na área correspondente ao último quarteirão da Rua 7 de Abril e sua superfície integrou-se como calçada ao novo desenho da praça. A estação foi edificada em quatro níveis: um nível de acesso geral, um intermediário entre as duas linhas e finalmente os dois níveis das plataformas de acesso às duas linhas. **Praça da República** - *Cadernos da Cidade de São Paulo*- nº13. São Paulo: ICI, 1995.



### 3 SILVA: UM NOME CHEIO DE SIGNIFICADO.

**SILVA.** Do Latim *Silva*. 'Floresta'. S.f. 1. Bot. Designação comum de diversas plantas medicinais da família das rosáceas (gênero Rubens); Silveira, sarça. 2. Ant. Selva (1) 3. Composição poética onde versos de 10 sílabas alteram com versos de seis. Miscelânea literária ou científica. 5. Cilício de arame. 6. Ornato da gola, do peito ou do canhão das fardas, inspirado na forma das folhas e das flores. 7. Mancha de forma alongada ao lado das ventas do cavalo. <sup>1</sup>

**SILVA** <sup>2</sup> [do antr. Silva] El. S.f. Us na loc. Da Silva. Da Silva. Brás. Fam. Loc. (precedida, em geral de um adjetivo diminutivo) com a qual se procura dar ênfase ao que se afirma: "o homem esta rico, riquinho da silva." "É que o sujeito está doido para ser governo. Doidinho da silva."

SILVA também é a terceira pessoa do presente do verbo SILVAR.

SILVAR. [do latim *sibilare*, por uma f. metatética *silbare*]  
1. produzir com a boca, ou com instrumento, assoprando, som agudo e prolongado. 2. Assobiar, sibilar: o vento silvava anunciando o furacão. A locomotiva silva<sup>2</sup>

Ao buscarmos em dicionários etimológicos e enciclopédias verificamos que 'Silva' possivelmente constitua o mais difundido apelido<sup>3</sup> de família nos países de língua portuguesa. Sua origem é claramente toponímica, sendo

<sup>1</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3ª. Edição. Curitiba: Positivo, 2004. Pág. 1846.

<sup>2</sup> VIEIRA, José. Sol de Portugal, Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1918. Pág.144. Apud FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda..op.cit.Pág. 1846.

<sup>3</sup> Apelido: (...) 1. Nome de Família. (sobrenome). **Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea**. Academia das Ciências de Lisboa, *Fundação Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Academia de Ciências e Editorial Verbo, 2001. Vol.1.

derivado diretamente da palavra latina *silva* que significa *selva, floresta* ou *mata*.<sup>4</sup>

A motivação para a denominação *Silva* é controversa e de difícil verificação, todavia a maioria dos estudiosos da onomástica convergem em apontar que o apelido (sobrenome) surgiu para designar pessoas que viviam afastadas de centros urbanos. É possível, porém, verificar que a popularidade deste sobrenome remonta ao século XVII em Portugal, e também no Brasil.

Acredita-se que tenha se tornado o sobrenome mais difundido no Brasil por um série de fatores, como a adoção por escravos e crianças filhas de pais incógnitos. Também foi largamente adotado por pessoas que, chegadas ao Brasil, queriam começar uma nova vida, apagando vínculos com o passado na Europa, aproveitando-se do relativo anonimato que o sobrenome proporcionava (e ainda proporciona).

No nosso caso, o sobrenome de nossos pesquisados, componentes da “família SILVA”, por si próprio, constitui um sinal marcante do qual emana o “naïf”, o simples, o homem comum, do povo, ao mesmo tempo o natural, o nato, algo de raiz. Pode-se dizer que *Silva* é aquele que se encontra em seu estado natural, em estado de liberdade.

Nesse sentido, os *Silva* são independentes, sem os grilhões dos intelectualizados. Trazem, de dentro de si, de seus sentimentos, seu imaginário e memória, figuras de múltiplas cores. Roger Thilmany, crítico de arte belga, mencionado por ARDIES (2005)<sup>5</sup> ao falar dos artistas modernos, menciona a *asfixia da repetição, da banalidade, e da cerebralização secante, por demais presentes nos dias de hoje*. Daí a *aspiração por um ar fresco, a volta às origens*, para poder escapar desse estado de coisas, encontrada na arte *naïf*.

---

<sup>4</sup> Ibidem, VOL. II.

<sup>5</sup> ARDIES, Jacques. **Arte Naïf**. (Coletânea de textos). *Encontros Estéticos*. Organizador: Jorge Anthonio e Silva. São Paulo: Conjunto Cultural da Caixa, 2005.

Há perfeita harmonia entre os integrantes da família Silva, a sua arte e seu nome: coerência do ser com a representação estética de cada qual. Nome tão comum em pessoas genuínas, originais, *ingênuas* que realizam uma arte que também poderíamos chamar de "silva".

Trata-se de sobrenome popular, em artistas dedicados à arte popular, ("ingênuas"). A família Silva defende, talvez mesmo sem talvez saber, um mundo livre de saberes inatos, intuitivos, instintivos, espontâneos. Kant dizia que a ingenuidade é a expressão da originária sinceridade natural da humanidade contra a arte de fingir, que se tornou uma segunda natureza (*Crit. Do Juízo* §54).<sup>6</sup> A ingenuidade não deve ser confundida com a simplicidade franca, que não dissimula a natureza só porque não compreende o que é a arte de viver em sociedade. É antes uma natureza que se faz presente ou se revela na própria arte (*ibid* §54)<sup>7</sup>.

Os Silva trazem para o mundo material signos de sua natureza, de liberdade e autonomia. Não buscam assemelhar-se aos modismos, às tendências estéticas deste ou daquele momento. Os Silva representam a ancestralidade que percorre os tempos, a natureza em sua essência, os deuses impetuosos de múltiplas origens, o extravasar do contido em suas almas. Na liberdade de seus seres transferem à matéria seus sentimentos, sem a preocupação do rigor técnico em suas criações<sup>8</sup>. Inventam a sua linguagem com os seus próprios meios. Os Silvas nos transmitem vibração, talvez do silvar de seus corações e mentes, energia, poesia, e um certo perfume de inocência encantador e contagioso<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes. 2003

<sup>7</sup> *Ibidem*.

<sup>8</sup> FOURNY, Max. **Álbum Mondial de la peinture Naive**. Paris: Herva, 1990.

<sup>9</sup> ARDIES, Jacques. **Arte Naïf**. (Coletânea de textos) in: *Encontros Estéticos*. Organizador: Jorge Anthonio e Silva. São Paulo: Conjunto Cultural da Caixa, 2005.

## 4 OS SILVA E SUAS RAÍZES.

A “Família Silva” possui as raízes africanas de seus ancestrais, homens e mulheres de raça negra, que, no Brasil, trabalharam como escravos, a serviço dos senhores de engenho na Bahia. Parte deles migrou para o interior de Minas Gerais (Campo Belo, Divinópolis) para o trabalho na roça, na cultura do café, nos canaviais, com o gado, e, posteriormente, na estrada de ferro...<sup>1</sup>

Os “Silva”, após algumas décadas, mudaram-se para a Capital e para o interior do Estado de São Paulo, na busca de realizar sonhos. Os sonhos da “cidade grande”, como muitos outros o fizeram.

Das pitorescas histórias de vida dos Silva verifica-se a sofrida luta pela sobrevivência, as crenças nos santos católicos mescladas às crenças nos Orixás e demais divindades do Candomblé, as curas pelas ervas e pelas bênçãos dos santos, a transformação dos materiais pela criatividade da mente instrumentalizada pelas mãos<sup>2</sup>, a ginga, a sensualidade, a musicalidade.

O dia a dia dos membros da “Família Silva” foi sempre alimentado pelas artes: o entalhe na madeira das carroças de boi, já executados pelo avô (José de Almeida) em Sorocaba; as músicas tocadas no acordeom, de sete baixos, do pai; as esculturas em dormentes das estradas de ferro em Campo Belo; as modelagens de peças em cerâmica, feitas às escondidas, nos intervalos de trabalho nas olarias de Itapecerica da Serra; as capoeiras em ferro-cimento; as bonecas de retalhos

---

<sup>1</sup> Rede Mineira de Viação (Campo Belo-MG).

<sup>2</sup>Para Leonardo da Vinci *la pittura e cosa mentale*. É a mente que cria e gera a obra de arte. A Arte é a expressão da representação mental. No caso específico da arte, denominada popular, muitos artistas trabalham com materiais que estão no seu entorno. Criam a arte a partir dos materiais disponíveis. A cultura material vai permitir a construção dos signos. O domínio da matéria é flagrante. O popular detém o signo e busca a materialidade. O fazer vai instruir o pensamento e este cria e transforma os materiais em arte.

coloridos e os bordados da “mãe preta”, Maria de Almeida; os desenhos a carvão nas paredes e nos papéis; os “nãifs”<sup>3</sup> pintados em telas; a poesia... as danças do folclore afro-brasileiro, as cantigas, sem falar nas engraçadas e comoventes histórias e estórias transmitidas de geração em geração.

Na realidade, as diferentes expressões artísticas da família Silva reúnem um verdadeiro complexo de elementos simples, retratam gente simples, e transformam o simples em sonhos, em magia de formas e cores.

Não foi sem razão, que muitas das exposições, em que participaram os Silva e outros artistas nãifs, idealizadas por Pietro Maria Bardi<sup>4</sup> e seus contemporâneos, chamaram-se “**Festa de Cores**”<sup>56</sup>, **Mito e Magia das Cores**<sup>78</sup>, **Arraial das Cores**<sup>9</sup> ....

Histórias e experiências de vida, boas e ruins, são transformadas pelos Silva e representadas no campo estético.

Cada um deles possui “arte própria”, mas, ao mesmo tempo, relaciona-se com o todo, em harmônica unidade com o seu clã. A seu

<sup>4</sup> Pietro Maria Bardi, jornalista e crítico de arte italiano, casado com a arquiteta Lina Bo, que em conjunto com Assis Chateaubriand, montaram juntos um museu há muito tempo idealizado: O MASP - Museu de Arte de São Paulo. De 1947 a 1996 Bardi cria e comanda o Museu de Arte de São Paulo, MASP. Paralelamente, mantém sua atividade de ensaísta, crítico, historiador, pesquisador, galerista e *marchand*.

<sup>5</sup> **Festa de Cores** foi o nome dado à mostra organizada por Pietro Maria Bardi, em 1975 no MASP - Museu de Artes de São Paulo, com artistas nãifs. Coletiva com a participação de diversos membros da família Silva bem como Raquel Trindade (filha de Solano Trindade). São Paulo, SP.

<sup>6</sup> **Festa das Cores**. Mostra de Maria Auxiliadora da Silva no Museu de Arte de Goiânia. Goiânia, Goiás. 1984. (Póstuma)

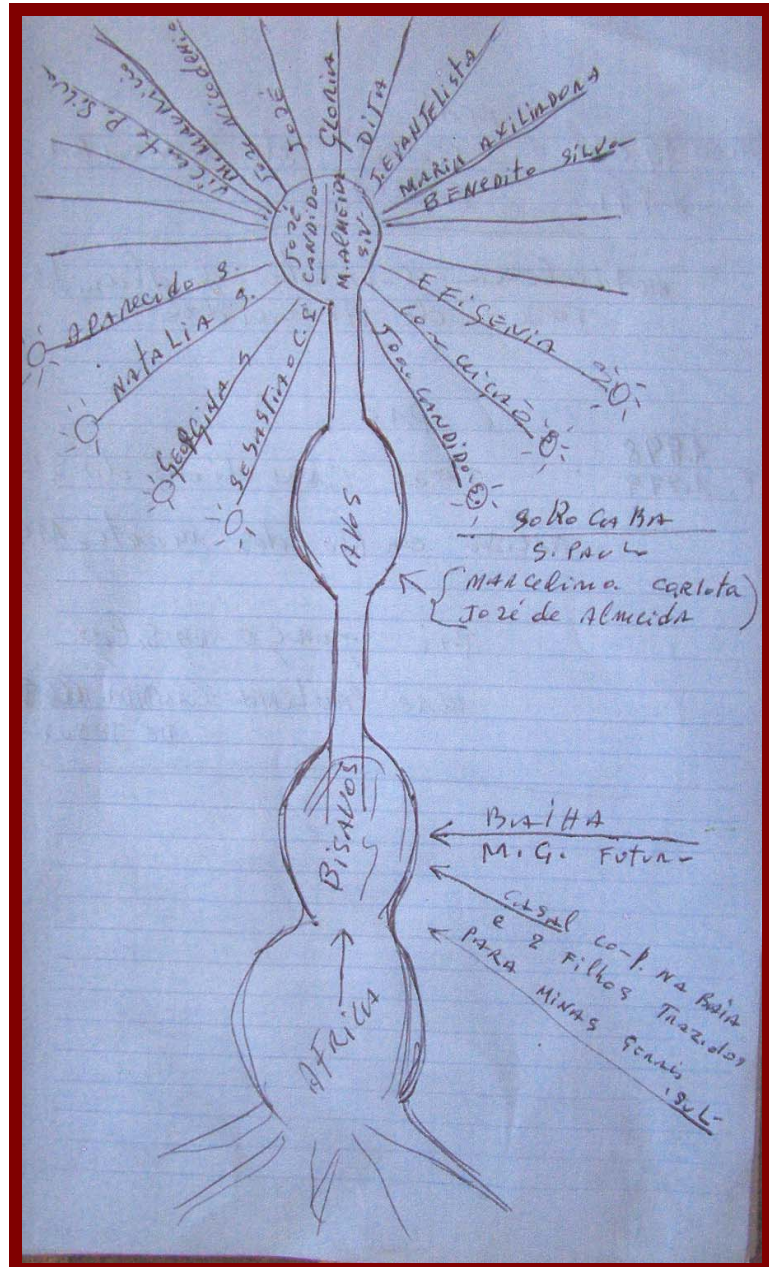
<sup>7</sup> **Mito e Magia del Colore**. Nome do catalogo e da mostra itinerante iniciada em Nápoles e finda no Brasil, organizada por Werner Arnhold em conjunto com Pietro Maria Bardi, e Emanuel von Lauenstein Massarani

<sup>8</sup> **Mito e Magia del Colore**, Salão Nobre do Palácio João Ramalho. Paco Municipal da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo” Coletiva de nãifs brasileiros. Itália maio-julho (em Nápoles), e no Brasil em Dezembro de 09 a 16 de 1982. Organização de Walter José Demarchi e outros. São Bernardo do Campo, SP. Mostra Coletiva<sup>8</sup>

<sup>9</sup> **Arraial das Cores**. Galeria de Arte Convivência. Campinas, SP. Mostra a qual participou Gina da Silva (vide cronológico da artista).

modo protegem-se mutuamente, e, de forma heróica, resistem aos embates da existência escudados por suas ingênuas artes.

#### 4.1 GENEALOGIA



**Ilustração 4.1. Árvore Genealógica da Família Silva.** Bisavós: Maximiniano Felipe Florentino e Francisca Maria da Conceição (ambos de famílias de escravos comercializados no Estado da Bahia e no Estado de Minas Gerais) Desenho executado por João Cândido da Silva, aos 13 de Maio de 2006, por ocasião de visita que realizamos à sua casa no Bairro da Casa Verde - Cantareira, para explicar a formação da família e enumerar os seus 21 irmãos. Todos filhos de José Cândido da Silva que já era pai de 3 filhos e com Maria Trindade de Almeida Silva teve mais 18 filhos.

Pertencem à família Silva a reconhecida pintora **Maria Auxiliadora da Silva** (1935 - 1974), cuja biografia foi escrita por BARDI<sup>10</sup>. O escultor **Vicente Paulo da Silva** (1930-1980) marido de Raquel Trindade – “a kambinda” - filha de Solano Trindade (1920-1974), o poeta que criou o Teatro Experimental do Negro em Embu das Artes; **Benedito da Silva**, artesão e pintor (1953-1998) , **Sebastião Cândido da Silva** (1928), desenhista, e também pintor; o conhecido pintor e escultor **João Cândido da Silva** (1933) e sua mulher, a pintora **Ilza Jacob da Silva** (1946) ; a pintora admirada na França, **Conceição Aparecida Silva** (1938); **Natália Natalice da Silva** (1948) poetisa; **Georgina Penha da Silva** (1947), conhecida no mundo artístico por “**Gina**” (1949 ), pintora e fada das agulhas, que transforma os fatos da vida em bonecos e **Efigênia Rosário da Silva** (1937), a contadora de histórias, com suas ricas e coloridas imagens da memória e do imaginário da família.

Verificamos que parte dos afro-descendentes, que deram origem ao grupo atual, vieram da Bahia (bisavós), do Rio de Janeiro (avô) e parte de Minas Gerais ( vide árvore genealógica e seu descritivo) no final do século XVIII, o que coincide com os dados históricos constantes na obra referenciada de Emanuel Araújo (1994)<sup>11</sup> :

O último período (final do século XVIII - de 1791 até 1888) foi marcado pela expansão da economia cafeeira, pelos processos graduais de abolição do tráfico escravo e, finalmente, pela abolição da escravidão (Brasil e Cuba foram os últimos países das Américas a manter essa instituição).

Nesse terceiro período, algumas províncias do sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais) receberam importantes contingentes de escravos africanos (CARDOSO, 1982:20-2 apud ARAUJO,1994).

Emanuel Araújo, na mesma obra, ressalta que:

<sup>10</sup> BARDI, Pietro Maria. **Maria Auxiliadora da Silva**. Torino: Giulio Bolaffi Editore. 1977.

<sup>11</sup> ARAUJO, Emanuel; MARCONDES DE MOURA, Carlos Eugênio . Arte e Religiosidade Afro-Brasileira. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1944 (Brasiliana de Frankfurt) Exposição na 46ª Feira do Livro de Frankfurt 1994.

“a escravidão a todos procurava dessocializar, despersonalizar; de todos intentava destruir a identidade, as funções e os papéis sociais, reduzindo cada indivíduo a um denominador comum. Ele se tornava simplesmente escravo. A empreendedora comerciante que vendia seus produtos nos mercados africanos, acompanhada de suas pequenas filhas, que a auxiliavam, com ela aprendiam e a sucederem um dia; o artesão do ferro, que forjava armas, implementos agrícolas e peças de arte sacra; o ourives, de cuja oficina saiam objetos de adorno de ouro, marfim, coral, búzios, couro, ferro e bronze; os escultores, cuja produção, de altíssimo valor estético, o Ocidente só soube reconhecer e valorizar depois que os artistas cubistas por ela se interessaram; sacerdotisas e sacerdotes, detentores do saber e das práticas religiosas, entre elas a da adivinhação e a da manipulação das ervas, com fins profiláticos ou iniciáticos (no casa dos sacerdotes), de fundamental importância para a estruturação pessoal e coletiva; o camponês, que dominava as técnicas do trato da terra e do plantio; o caçador, que conhecia os segredos da mata e indicava quais os lugares mais apropriados para a implantação de uma nova aldeia; o *griot*, cronista dotado de excepcional memória, em culturas que se apoiavam na oralidade para a transmissão da história e da identidade; (...)

Como veremos no decorrer deste trabalho, a poética, a mística, o próprio modo de pensar, e o fazer, da Família Silva estão intimamente ligados à sua ancestralidade, às suas raízes, e as diferentes culturas pelas quais foram influenciados. Desde a cultura do homem e mulher escravos que trabalharam nas sedes das fazendas; até aqueles que, após libertos, migraram de um Estado a outro, principalmente no sentido norte-sul, e trouxeram, para o Estado de São Paulo, e, sobretudo à Capital, um pouco de tudo, um pouco da sua africanidade, da sua nordestinidade, e mineiridade...

Os mesmos nomes, de santos e santas (de raça negra em sua maioria), originalmente atribuídos aos africanos<sup>12</sup> que eram traficados ao território brasileiro, encontramos em nossos artistas e artesãos da “Família Silva”, tais como: **Santa Efigênia**, virgem etíope, **São Benedito**, profeta e taumaturgo nascido na Sicília, **Nossa Senhora do**

---

<sup>12</sup> Araújo, op.cit, pág.38.



**Rosário** (padroeira de Confrarias e Irmandades - de propagação da fé e de ajuda mútua), **Nossa Senhora da Conceição**, **Nossa Senhora Aparecida**. Nomes de santos católicos, crenças nos orixás. **Sincretismo** que se verifica em muitas de suas obras.



**Ilustração 4.2** Conceição Aparecida da Silva. **Festa de Nossa Senhora Aparecida**. Óleo sobre Tela. (2005). [na mesma cena: Atabaques e Mães de Santo do Candomblé, Igreja e Nossa Senhora Aparecida do culto católico].

Também as cenas de folclore, como a **Folia de Reis**<sup>13</sup>, **Festa de São João**<sup>14</sup>, **Bumba meu Boi**<sup>15</sup>, tradições praticadas pelos africanos em território brasileiro, são, constantemente, objeto das obras dos “Silva”.



**Ilustração 4.3 Festa do Divino na casa de "Tia Jandira"** irmã de Maria Almeida da Silva. Divinópolis. MG. Fotografia do Acervo da Família Silva. ( Anos 30).

Pelas pesquisas iniciadas, todos herdaram a musicalidade do pai, **José Cândido da Silva**<sup>16</sup> e, sobretudo, a tenacidade e a criatividade da mãe, a escultora, pintora e poetisa **Maria Trindade de Almeida Silva** (1909-1991). Esta, durante toda a sua vida, foi o elemento catalisador da unidade familiar, fato que refletiu nas atividades artísticas da “família

<sup>13</sup> Festejos em que eram escolhidos os “Reis e Rainhas” do ano, sob o patrocínio das confrarias e irmandades, importadas de Portugal, onde os africanos podiam conservar suas diferenças culturais e conservar sua identidade étnica. (Araújo, 1994. op.cit. pág. 38)Vide Glossário.

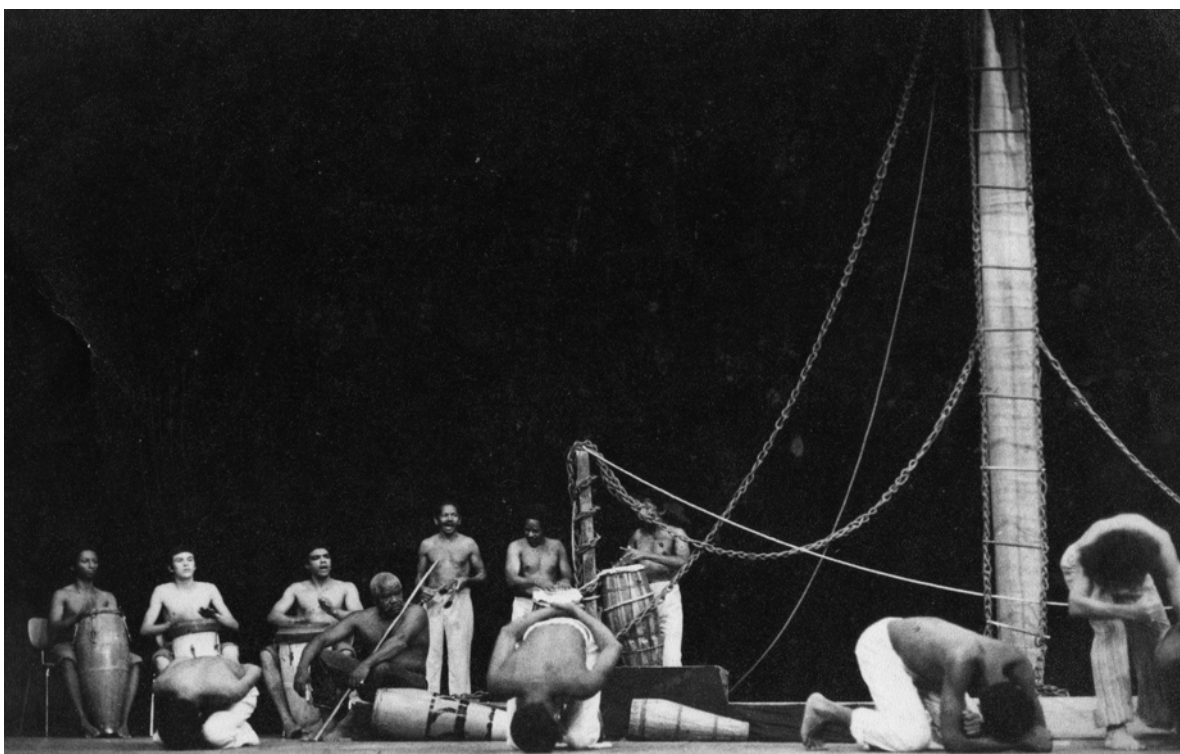
<sup>14</sup> Vide Glossário.

<sup>15</sup> Vide Glossário.

<sup>16</sup> Segundo depoimento de Gina da Silva tocava um acordeom de sete baixos.

Silva". Exemplo de resistência e luta pela preservação das raízes culturais africanas e reconhecimento do valor do seu trabalho.

Dentro do aspecto afro-brasileiro, não pudemos esquecer a forte participação dos "Silva" no grupo de **Solano Trindade**<sup>17</sup>: nas apresentações teatrais, nas artes plásticas, nas mostras na cidade de Embu das Artes.



**Ilustração 4.4** Apresentação de "Navio Negreiro" no teatro de Solano Trindade, Embu das Artes. Fotografia do Acervo da Família Silva.

Os "Silva" mantêm relações com os artistas e família do grupo de Solano até os dias de hoje, tanto pelos laços de afinidade (uma vez que **Raquel Trindade**, filha de Solano, foi casada com Vicente Paulo da Silva) , como pelos vários elos de afro - brasilidade que entre eles remanesce (sessões de candomblé, apresentações de dança, teatro,

---

<sup>17</sup> **Teatro Popular Folclórico Brasileiro**, formado por Solano Trindade em 1950. TRINDADE, Solano. **O Poeta do Povo**. 1 ed. São Paulo: Cantos e Prantos Editora, 1999

homenagens a Solano Trindade, dentre outras).

João Cândido, por exemplo, exhibe com felicidade, a obra póstuma que reuniu vários poemas de Solano que lhe foi presenteada por Raquel em 1999. Abre o livro e recita, com paixão, a "**Balada Molenga De Uma Negra Dengosa**", um de seus poemas prediletos<sup>18</sup>:

### **BALADA MOLENGA A UMA NEGRA DENGOSA<sup>19</sup>**

Solano Trindade

*Sou Molengo Molengo  
Cheio de denço*

*Gosto de beijo  
Gosto de amor*

*Sou Molengo Molengo  
Cheio de denço*

*Choro por um carinho  
Que venha de tuas mãos*

*,Sou Molengo Molengo  
Cheio de denço*

*Gosto de cafuné  
Gosto bem do lero lero  
Que venha da tua boca*

*Molengo  
Sou Molengo  
Cheio de denço*

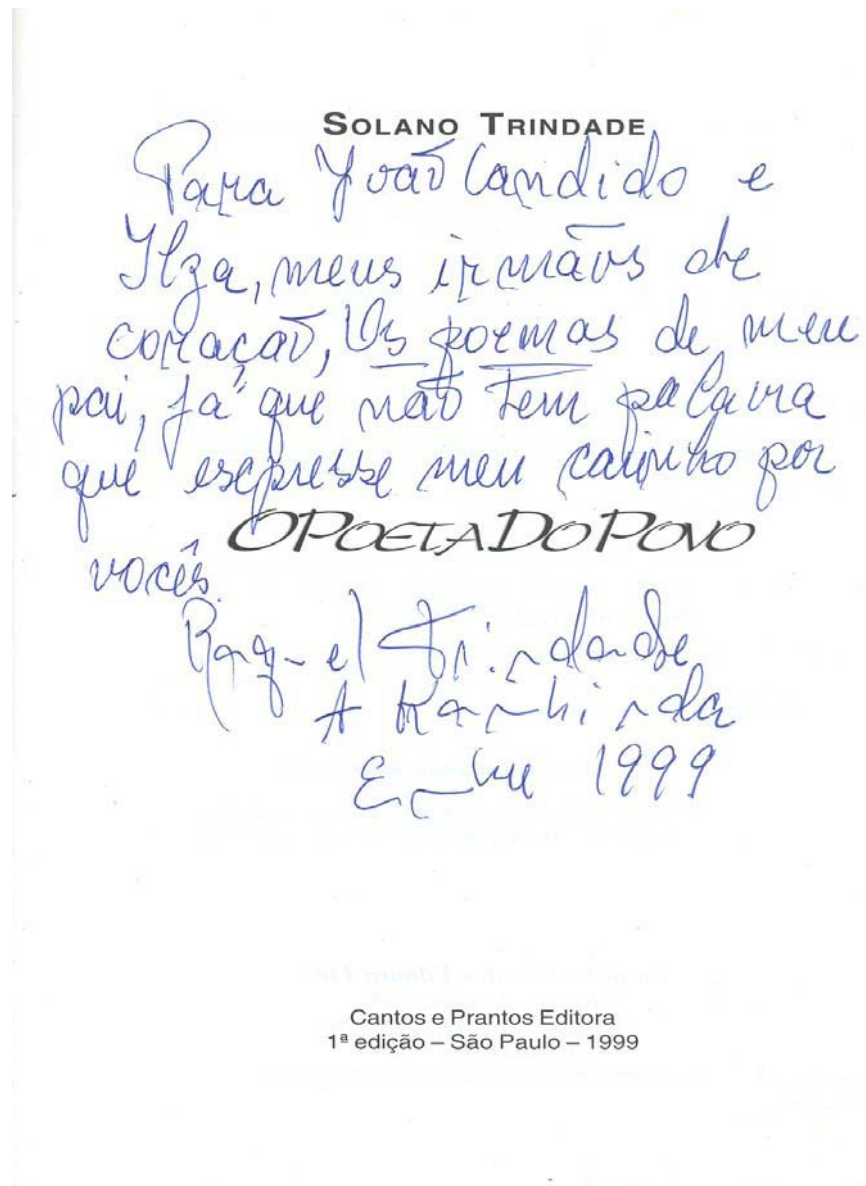
*Gosto também do teu denço  
Gosto cafunar teu quengo*

*Sou Molengo Molengo  
Cheio de denço*

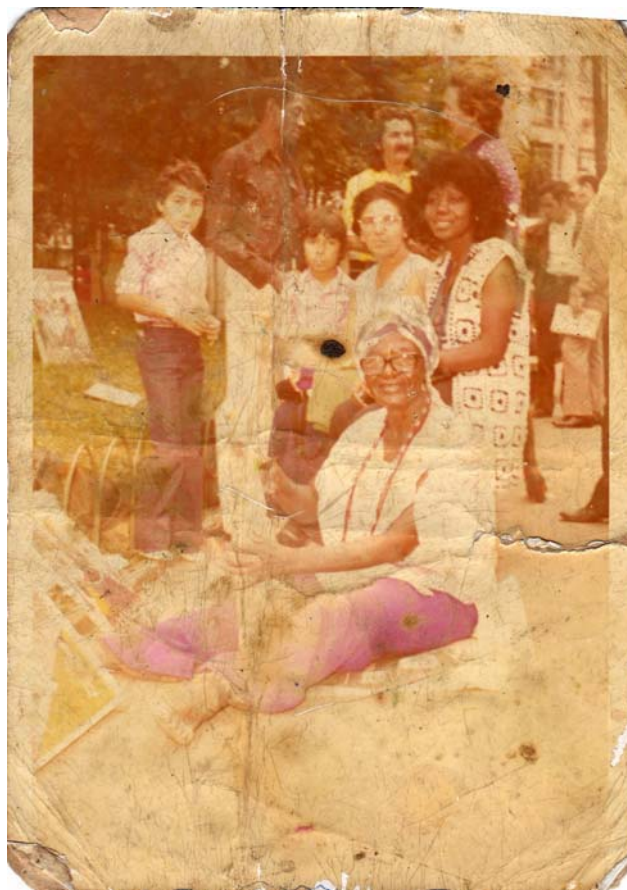
---

<sup>18</sup> Poema apresentado por João Cândido na Médiathèque de Poitiers-França, por ocasião dos Debates sobre Arte e Globalização, no ano de 2004.

<sup>19</sup> Poema de Solano Trindade (op.cit)



**Ilustração 4.5** - Dedicatória de Raquel Trindade, "A Kambinda", filha de Solano Trindade, aposta no livro "O Poeta do Povo" editado "pos mortem" em sua homenagem.



**Ilustração 4.6.** Maria Almeida da Silva esculpindo na Praça da República. Anos 60. Foto do Acervo da Família Silva.

Muitos curadores reconheceram os esforços da mãe, Maria Almeida da Silva e a união com seus filhos, dentre os quais o curador Jos Luyten (1981) <sup>20</sup>, que ressalta: «*Acreditamos que Maria Almeida Silva e seus filhos representam melhor do que nenhuma outra família afro-brasileira, o esforço do homem negro de, em nossa sociedade, conseguir o reconhecimento de seu trabalho artístico e a aceitação de seus valores.*»

Também a mãe de Maria Almeida, Sra. Marcelina Carlota de Almeida, *teria vocação artística, pois "era sambista e fazia crochê muito bem", já renunciando com seu artesanato o dom plástico das gerações*

---

<sup>20</sup> Professor da ECA – USP e membro da APCA, Jos LUYTEN foi curador da mostra e autor do catálogo da Exposição “**Os Silvas na Cultura Negra**”, realizada pela Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo.SP.maio/junho 1981.Vide Cronologias.

*subseqüentes* conforme depoimento de Maria Auxiliadora.(FROTA, 1975)<sup>21</sup>.

O pai falava que tinha outros irmãos homens, e uma mulher. Somente conheceram um tio. 'Tio Marinho' que ia visitar a família em Campo Belo. Era rezador e curandeiro de 'bicheiros de animais' e gostava de amanhecer cantando hinos de igreja católica. Tinha uma voz muito linda.

Mas ele não parava de andar de cidade em cidade. Era andarilho.

*Meu pai, José Cândido ( nascido aos 29 de agosto de 1897) contava que ele e os irmãos deixaram a família muito cedo porque o seu pai ( meu avô) era muito bravo, 'nervozinho'. Meu pai deixou a casa aos 14 anos de idade e foi ser ajudante de padeiro em São João Del Rei, em Minas Gerais mesmo. Somente era acolhido, quando estava em algum apuro, pela irmã, que morava em Rio dos Montes. Ele dizia que possuía parentes em São João Del Rei muito bem de vida. Herdeiros de fazendas, de garimpos... Deixa pra lá...*

*Quando já homem feito passou a trabalhar no campo, nas lavouras. Casou-se, em primeiras núpcias, com Maria Júlia C. Silva e tiveram três filhos, todos nascidos na cidade de Oliveira, em Minas Gerais: Benedicta Paulina da Silva ( 1925-1987), José Silva ( ?) e Glória Silva (?).*

*Ficou viúvo, e cuidava dos filhos sozinho.*<sup>22</sup>

A mãe, Maria Trindade de Almeida (Silva, depois que se casou), nasceu em Sorocaba (SP) aos 06 de janeiro de 1909 (Era filha de José de Almeida, natural do Rio de Janeiro, e de Marcelina Carlota de Almeida, baiana, filha de pais africanos, que na época, trabalhavam nas fazendas em Minas Gerais).Contava com a assistência de uma irmã que morava na cidade de Divinópolis (MG), a "tia Jandira".

<sup>21</sup> Declaração de Maria Auxiliadora da Silva, em depoimento à Lélia Frota no ano de 1972. (FROTA, 1975:70)

<sup>22</sup> SILVA, João Cândido da. **Autobiografia**. São Paulo, SP. 2007

Maria Trindade de Almeida foi criada em Sorocaba até a idade de 10 anos aproximadamente. Sua mãe era empregada doméstica, sofreu um acidente que a deixou parálitica de um braço. A família resolveu, então, entregá-la aos cuidados de parentes, em Minas Gerais, os "Nogueira". Na realidade foi entregue aos "Nogueira" definitivamente, como se fosse filha. Marcelina Carlota, a visitava nos primeiros meses, mas, depois desapareceu. *Era assim que minha mãe descrevia a sua infância*, informou João Cândido.

Tornou-se moça, e foi criada apenas para o trabalho caseiro e artesanal, sem escola.

*Depois de algum tempo a família Nogueira resolveu casá-la e para isso o pretendente bastava ser um homem trabalhador, com "T" maiúsculo. E, o escolhido foi o viúvo, José Cândido da Silva, doze anos mais velho do que ela, já com três filhos. O casamento ocorreu na cidade de Bom Sucesso, aos 14 de julho de 1928 (o pai com 31 anos e a mãe com 19).<sup>23</sup>*

A família Silva cresceu bastante. O casal José Cândido e Maria de Almeida teve 18 filhos<sup>24</sup>, além dos filhos do primeiro casamento do viúvo José.

Após o casamento, em Bom Sucesso, e nascimento do filho mais velho, Sebastião Cândido (1929), os pais começaram a se deslocar, mudando de moradia, de acordo com a necessidade de trabalho nas lavouras da região. O primeiro itinerário, ao que parece, foi Santana do Jacaré (MG), onde nasceu Vicente Paulo e depois Campo Belo (MG), onde nasceram Maria Auxiliadora, João Cândido, Conceição e Efigênia.

<sup>23</sup> SILVA, João Cândido da. **Autobiografia**. São Paulo, SP. 2007

<sup>24</sup> Benedicta Paulina da Silva (1925-1987); José Silva (?); Glória Silva (?); Sebastião Cândido da Silva; Bom Sucesso (MG) 1929; Vicente Paulo da Silva, Santana do Jacaré (MG) 1930-1980; João Evangelista da Silva (?); João Cândido da Silva, Campo Belo (MG), 1933; Maria Auxiliadora Silva, Campo Belo (MG) 1935-1974; Efigênia Rosária da Silva, Campo Belo, 1937; Conceição Silva, Campo Belo (MG), 1938; Georgina P. Silva, São Paulo 1947 (05.03.1947); Natália Natalice Silva, São Paulo, 1948 (Dezembro); Benedito Evangelista da Silva, São Paulo, 1953-1998; José Nicodemus da Silva, São Paulo (?); Mauro Mauricio da Silva, São Paulo (?).